

OCUPAR E RESISTIR: A LUTA SECUNDARISTA PELA TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

OCCUPY AND RESIST: HIGH SCHOOL STUDENTS STRUGGLE FOR SCHOOL TRANSFORMATION

OCUPAR Y RESISTIR: LA LUCHA SECUNDARISTA POR LA TRANSFORMACIÓN DEL ESPÁCIO ESCOLAR

Julia Rocha Clasen¹

Livian Lino Netto²

Aline Accorssi³

Resumo: Este trabalho analisou as transformações do espaço escolar a partir das ocupações secundaristas ocorridas no ano de 2016, tendo como referência o Movimento do Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas. Para isso, realizou-se uma pesquisa documental por meio da análise de diários e publicações feitas pelos estudantes em uma rede social, a fim de informar a sociedade sobre a organização da ocupação. Neste sentido, compreendemos o movimento de ocupação como questionador e tensionador do cotidiano e das relações estruturantes da escola, que possibilitaram uma transformação deste espaço. Os/as jovens demonstram, ao organizarem os movimentos de ocupação, uma resposta à ideia de que a juventude é despolitizada e sem capacidade de articulação. Apontamos para as permanências do movimento, uma vez que os sujeitos envolvidos desenvolveram uma consciência de participação política que questiona e mobiliza outras esferas sociais e atores políticos para ações que geram mudanças nas estruturas dominantes da sociedade. Por fim, consideramos relevante a articulação política do movimento na disputa do pensamento social, através de um rompimento com cristalizações do cotidiano da ordem do capital, reproduzido nas instituições formativas do pensamento.

Palavras-chave: Movimento Estudantil Secundarista. Cotidiano. Participação Política. Ocupações Secundaristas.

Abstract: This paper studied transformations of the school space by the high school students' occupations that occurred in 2016. The occupations that occurred at the Federal Institute of Rio Grande do Sul - Campus Pelotas is the movement used as a reference for this paper. For this, documentary research was carried out through the analysis of diaries and publications made by

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, bolsista CAPES, graduada em Ciências Sociais Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: clasenjulial@gmail.com. Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0001-8899-1475>.

² Cientista Social. Mestra em Educação. Doutoranda em Educação. Professora de Sociologia na rede estadual do Rio grande do sul. Email: livianlino@gmail.com. Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0002-8703-1584>.

³ Psicóloga. Mestra em Psicologia Social e da Personalidade. Doutora em Psicologia. Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Líder do "Grupo Mariposas: minorias sociais, resistências e práticas de transformação". E-mail: <alineaccorssi@gmail.com> Orcid Id: <http://orcid.org/0000-0001-8361-3475>.

students in a social network. Their goal was to inform society about the organization of the occupation. Therefore, we understand the occupation movement as a questioner, stressor of daily life, and of the structural relations of the school that made possible transformations of this space. When organizing the occupation movements, students demonstrated a response to the idea that youth is depoliticized and without the ability to articulate. We point out to continuity of movement, since some of the individuals involved developed an awareness of political participation. They have brought up questions and the ability to mobilize other social spheres and political actors for actions that generate changes in the dominant structures of society. Finally, we consider the political articulation of the movement to be relevant in the dispute of social thought, through a break with crystallizations of the daily life of the capital order reproduced in the formative institutions of thought.

Keywords: Secondary Student Movement. Daily. Political Participation. School Occupations.

Resumen: Este trabajo analizó las transformaciones del espacio escolar a partir de las ocupaciones secundarias ocurridas en el año de 2016, teniendo como referencia el movimiento de estudiantes del Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas, Sur de Brasil. Para ello, se realizó una investigación documental por intermedio de la análisis de los diarios y publicaciones echas por los estudiantes en una red social, con la finalidad de informar a la sociedad sobre la organización de la ocupación. En este sentido, entendemos el movimiento de ocupación como un cuestionador y tensor de la vida cotidiana y de las relaciones estructurales de la escuela que hicieron posible una transformación de este espacio. Al organizar los movimientos de ocupación, los jóvenes demuestran una respuesta a la idea de que la juventud está despolitizada y sin capacidad de articulación. Señalamos la permanencia del movimiento, ya que los sujetos involucrados desarrollaron una conciencia de participación política y que cuestiona y moviliza a otros ámbitos sociales y actores políticos para acciones que generen cambios en las estructuras dominantes de la sociedad. Por fin, consideramos relevante la articulación política del movimiento en la disputa del pensamiento social, a través de una ruptura con las cristalizaciones de la cotidianidad en el orden del capital, reproducidas en las instituciones formativas del pensamiento.

Palavras-clave: Movimento Estudantil Secundaria. Cotidiano. Participação Política. Ocupações Secundárias.

Introdução

Ocupar como ato de reivindicação do espaço, da participação, formação, escolarização e da luta política, também como uma reivindicação de si mesmo como sujeito político, do curso da história e da narrativa de sua luta. Durante os dias, as semanas, e meses que seguiram a ocupação estudantil de outubro de 2016, o movimento secundarista evidenciou um conjunto de contestações que constituíam sua ação, as quais não se encerravam naqueles dias, mas foram formadoras de inquietações que tinham o papel de desestabilizar ideias enrijecidas. E, no sentido de retomar aspectos políticos, sociais e pedagógicos desse movimento, é que refletimos acerca da luta das/os secundaristas, ação nomeada pelas/os estudantes como Primavera Secundarista.

Esse movimento mobilizou mais de mil escolas em dezenove diferentes estados do país⁴, com duração de cerca de dois meses, nos quais as/os estudantes resistiram no espaço escolar e recriaram este espaço durante os dias da ocupação. Justamente, a partir da percepção destas modificações, e com intenção de compreendê-las, que iniciamos esta reflexão.

Percebemos que a ação secundarista apresentou questionamentos sobre o que estava posto e, parte destes questionamentos foram mobilizadores da ação política em outros espaços. Esta mobilização não se extinguiu naquela conjuntura, mas se mostrou presente também em momentos posteriores. Com isso, a questão fomentadora da reflexão realizada neste trabalho, é: Como o movimento de ocupação do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) - Campus Pelotas trouxe transformações ao espaço escolar? Ou, em outras palavras, como o movimento estudantil secundarista, a partir da ocupação, evidenciou contradições presentes no espaço escolar e nas suas relações políticas? Como as/os estudantes secundaristas através da estratégia de ocupação das escolas, reivindicaram a participação naquele espaço? Quais as transformações nas escolas ocupadas que foram decorrentes deste movimento? Qual formato de escola era reivindicado pelos/as estudantes no movimento de ocupação?

Nesse sentido, nos atemos à ocupação que ocorreu no IFSul, na cidade de Pelotas, no sul do estado do Rio Grande do Sul. Tal escola foi uma das primeiras a ser ocupada na cidade e responsável pela articulação da ocupação de outras instituições tanto em Pelotas, quanto em outros municípios.

Como eixo condutor desta reflexão, retomamos os diários da ocupação, material que foi produzido pelo movimento Ocupa IFSul, a fim de realizar uma pesquisa documental. Este tipo de pesquisa propõe uma compreensão da realidade social através da coleta e análise de diferentes documentos (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1998). Para este estudo, utilizamos como material de análise os relatos apresentados no formato de diário e publicados na rede social do movimento. Tais diários tiveram o intuito de informar à comunidade acerca do que ocorria no interior da escola. Além disso, utilizamos também, uma carta aberta dos estudantes, direcionada à sociedade. A partir destes materiais destacamos categorias de análise de conteúdo temáticas (GOMES, 2016) acerca do cotidiano da ocupação e desenvolvemos diálogos sobre as modificações que a ação secundarista tensionou na escola.

⁴ No dia 28 de outubro de 2016 a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) lança uma lista com as escolas ocupadas, um número que chega a 1197 escolas. Disponível em: <http://ubes.org.br/2016/ubes-divulga_lista-de-escolas-ocupadas-e-pautas-das-mobilizacoes/> Acesso em: 08 dez. 2017.

Importante destacar que o movimento apresenta inquietações constantes e que não se esgotam neste enfoque de análise, mas permite diferentes interpretações sobre os significados e permanências da ação estudantil. Além disso, a análise de tal movimento exige compreensões sobre a articulação e recorrência da ação em outros espaços e períodos políticos, assim como a própria conjuntura e suas contradições.

A escola como anfiteatro do Capital

A escola é um espaço que reproduz a lógica da sociedade de maneira geral, com suas regras e normas construídas, muitas vezes de cima para baixo, sem discussão com a comunidade. É também, o espaço que muitas das pessoas passam grande parte do tempo durante seu processo de formação, já que o processo de escolarização se inicia na infância e segue até a vida adulta. Pode-se dizer que a escola é uma das responsáveis pela criação da noção de juventude que reinventa a escola como lugar de sociabilidade (PEREIRA, 2007). A partir do momento em que se começa a fazer parte da escola, desde muito pequenas e pequenos começamos a participar de uma instituição com regras, com diferenças, mas que parece estagnada no tempo e longe dos interesses dos estudantes, muitas vezes sem espaço para debate e discussão.

A escola como instituição social não deve ser desconsiderada quando refletimos sobre a construção dos sujeitos jovens. Neste espaço se reconhecem no outro, compartilham vivências e criam possibilidades de reivindicação e de legitimação de si, de suas necessidades e desejos, perante a sociedade. Apesar de a instituição escolar parecer estática, com regras e normas que muitas vezes não condizem com as realidades sociais, é também lugar de produção de subjetividades e de perceber as lógicas de funcionamento do mundo. Desta forma, concordamos com o seguinte pensamento de Mauro Iasi (2011):

Parece-nos que na escola, por exemplo, ao nos inserirmos em relações preestabelecidas, não conseguimos ter a crítica de que é apenas uma forma de escola, mas a vivemos como “a escola”. Passamos a acreditar ser essa a forma “natural” e acabamos por nos submeter. Na escola, as regras são determinadas por outros que não nós, outros que têm o poder de determinar o que pode e o que não pode ser feito e nosso desejo submete-se diante da sobrevivência imediata. As normas interiorizam-se: a disciplina converte-nos em cidadãos disciplinados (IASI, 2011, p. 19).

A partir da década de 1990, com expansão do ensino público, evidenciou uma grande desigualdade antes não percebida. Estudantes oriundos de diferentes contextos sociais trouxeram consigo experiências de desigualdade, preconceito, pobreza e exclusão, levando essas experiências e desafios para o interior da escola que precisam ser superados. Um destes é uma predominância de representações negativas e preconceituosas em relação aos jovens, reflexo das representações correntes sobre a idade e os atores⁵ juvenis na sociedade.

É comum nas escolas a concepção sobre as juventudes como um “vir a ser” projetada para o futuro, ou os jovens como apenas alguém que consome e não reflete. Tais representações, imagens e estereótipos sobre os jovens, muitas vezes vistos a partir da ótica da falta de perspectiva, faz com que se desconfie das suas tomadas de decisões políticas, como a de ocupar as escolas.

O espaço escolar vem sendo permeado por acontecimentos que antes ficavam do lado de fora, e que hoje, cada vez mais, são questionados como fatores que não são “exteriores” a essa instituição, mas que acabam por determinar a formação dos jovens, dos professores e de todos que convivem nesse lugar. Um exemplo disso foi a PEC 241, chamada de PEC do Teto de Gastos, anunciada pelo governo Michel Temer em 2016. Ou ainda o Movimento Escola Sem Partido, que tem por objetivo “denunciar a doutrinação política nas escolas”.

Assim, a atuação dos e das estudantes nos movimentos de ocupação ocorrida nas escolas, e no IFSul-Campus Pelotas, mostra que existem possibilidades de reivindicação do espaço, e propõe uma (re)construção do lugar escola. Neste texto, trabalhamos a partir das narrativas dos/as estudantes durante a ocupação, relatados em uma rede social, e nomeados de “diários da ocupação”, que descreviam como eram realizadas as decisões de organização e manutenção do movimento.

Os dias da ocupação

No ano de 2016 presencia-se um momento político e social importante na construção histórica do Brasil. Em meio às notícias de golpe parlamentar, resultante do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT) e da intensificação da crise política, estudantes secundaristas ocuparam suas escolas como meio de resistir ao cenário que se apresentava. Antecedidos pelos/as estudantes de São Paulo, que ocuparam mais de 200

⁵ O ator é alguém que representa e que encarna um papel dentro de um enredo, de uma trama de relações. Um determinado indivíduo é um ator social quando ele representa algo para a sociedade (SOUZA, 1991. 54p).

escolas no ano de 2015, em resposta ao Programa de Reorganização Escolar do governo Alckimin (PSDB), no ano seguinte os/as estudantes tomam esta ação como exemplo para travar a sua resistência. Como resultado, ocuparam escolas no Paraná, Rio de Janeiro, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, entre outros estados. As pautas colocadas em debate englobaram desde aspectos presentes no interior da instituição escolar, até políticas direcionadas a educação de uma maneira mais ampla, como a precarização da educação, corte de verbas e desvio de dinheiro, além de “*uma escola que não ouve os jovens*”, como relata um estudante em entrevista ao jornal Folha de São Paulo⁶.

Existe uma concepção de juventude que categoriza as/os jovens estudantes, de maneira geral, como rebeldes e desmotivados. Em oposição a esta representação, as redes sociais criadas para cobrir os eventos das ocupações mostravam estudantes engajados: cozinhavam, organizavam diferentes atividades, como saraus, palestras e rodas de conversa, dando outro significado à escola. Assim, ao retratar este cotidiano a partir dos mecanismos de circulação de informação que tinham, assumiam um posicionamento de diálogo com a sociedade e uma posição de disputa de ideias sobre a luta política articulada.

Neste trabalho, relatamos a ocupação ocorrida no IFSul a partir deste material de disputa de ideias, o que os estudantes chamaram de “*diários do Ocupa*”, publicados na sua página em uma rede social, único canal de comunicação denominado como oficial pelos/pelas estudantes para divulgar os acontecimentos e decisões do movimento. Era um meio de produzir informações legítimas do que ocorria na ocupação, em contrapartida as informações eram divulgadas de forma distorcida pela mídia hegemônica.

Na página, além dos diários, as publicações relatavam a articulação de ações que ocorreram em rede, coletivamente, com outras ocupações. Também, denunciavam o avanço das políticas de desmonte e os ataques constantes ao movimento, bem como denúncias de assédio que eram submetidos os/as estudantes, no caso do IFSul, culminaram no Mural do Oprimido⁷.

A partir dos diários publicados na página, elencamos informações fundamentais para pensar as relações de estrutura e reestrutura do espaço escolar pelas/os estudantes, com a atenção sobre a proposição de espaços que ousavam contrapor ao que era até então vivenciado na escola. O movimento foi de reconhecimento destes/destas como sujeitos construtores da

⁶ Guilherme da Silva, 15 anos, em entrevista à Folha de SP publicada em 30/04/2016.

⁷ O Mural do Oprimido foi uma das atividades realizadas durante a ocupação e que expôs os casos de assédio dos quais os/as estudantes passaram na escola. Este mural culminou em uma investigação por parte da instituição com relação as denúncias realizadas.

escola e gerou acúmulos políticos acerca da reestruturação deste espaço como uma das exigências da juventude secundarista. Neste sentido, elegemos as categorias que apareceram com maior frequência no relato dos diários e, que tiveram centralidade na construção do Ocupa IFSul, são elas: (a) assembleias, (b) organização da escola, (c) denúncias, (d) espaços de formação.

Destacamos a categoria assembleias como fundamentais nas tomadas de decisões, em que os/as estudantes prezavam pela coletividade e democracia das ações. Foi na construção das assembleias que os modos de estar, ser e pensar a ocupação aconteceram. Das decisões ocorridas coletivamente nas assembleias emergiram as demais categorias analisadas neste texto.

A categoria organização escolar, se dá em virtude da maneira como a escola foi reorganizada, a partir da ótica dos/das estudantes diante do espaço que estavam ocupando. Este foi repensado e reconstruído durante o período de ocupação, o que demonstra que há possibilidades de outros arranjos de organização da instituição escola, que pode ser pensada a partir do ponto de vista dos/das estudantes, levando em consideração as necessidades reais de quem a ocupa diariamente e, discutida com a gestão, professores/professoras e com a comunidade.

A categoria denúncia surge através da tomada de consciência dos usos do poder dentro das escolas, já que, ao reorganizarem os espaços e deliberarem coletivamente durante as assembleias, os/as estudantes perceberam como as políticas afetam seu cotidiano. Além das denúncias com relação aos desmontes postos pelo poder público, surge como fator importante as denúncias de opressão, que foram relatadas especialmente com os casos de assédio sofridos pelas/os estudantes, e no caso do IFSul, resultou no mural do oprimido. Neste sentido, ocorreram oficinas em que os/as estudantes fizeram o retrato do seu assediador, e vieram à tona as relações sexistas, machistas, homofóbicas e racistas que são reproduzidas diariamente na escola.

Por último, a categoria espaços de formação refere-se à percepção que os/as estudantes tiveram sobre outras possibilidades de formação, tanto pessoal quanto profissional, uma vez que ao promoverem palestras e rodas de conversa sobre temas que surgiram nas assembleias e do convívio diário, transformavam o espaço ocupado, ressignificando as aprendizagens a partir de suas experiências. Frisamos que, apesar de serem categorias que em um primeiro momento se apresentam de maneira separada para que possamos pensar sobre as contradições do espaço escola, estão interligadas e conectadas em um todo que reflete a tomada de

consciência e a ação política do movimento estudantil como potência de mudança deste espaço público, a partir da ótica das/dos estudantes.

A organização para a ocupação do IFSul, começa cinco dias antes da entrada na escola. Em assembleia realizada pelos estudantes no dia 11 de outubro, em que 5% da comunidade acadêmica estiveram presentes, foi decidido que era necessário dar início ao movimento, como já acontecia em outros estados do país. No domingo do dia 16, os/as estudantes começaram a concentração em frente à escola e, às 17 horas já haviam ocupado o prédio do IFSul. Neste dia, o diretor do campus, na época, garantiu aos estudantes que não teriam o fornecimento de água, energia elétrica e internet interrompidos, conforme o trecho a seguir:

Em seguida nos reunimos com o diretor para discutirmos assuntos concernidos à ocupação. Nessa reunião foram feitos alguns acordos sobre como, nós estudantes, nos organizaríamos dentro da escola, e da parte do diretor foi assegurado que não haveria cortes de luz, água e internet (Dário da ocupa, primeiro dia da ocupação, 16 de outubro de 2016).

As garantias prometidas não foram cumpridas durante o decorrer dos dias, uma vez que quando o movimento intensificou sua articulação, as ameaças se alastraram, vindas dos mais diversos segmentos e convertidas, inclusive, em ameaças judiciais. Na noite de 16 de outubro, os/as secundaristas realizaram outra assembleia, já dentro da ocupação. A organização foi rapidamente compreendida pelas/os estudantes como aspecto central para manutenção da ocupação, inclusive para sua articulação e segurança interna. As portas eram fechadas durante o dia e a entrada controlada. Além deste processo, era garantida proposição de espaços abertos à comunidade. Os/as estudantes experienciaram ocupar a escola como meio de reivindicação do seu caráter social.

Devidamente ocupados mantivemos as portas fechadas durante todo o dia. Não foi permitida a entrada de ninguém não autorizado ou previamente informado às comissões. A persistência de alguns poucos professores que se mostraram contra o movimento estudantil não abalaram a nossa segurança, apesar de alguns destes terem se portado de modo agressivo e forçado entrada. (Dário da ocupa, segundo dia da ocupação, 17 de outubro de 2016).

Nos relatos da página, em especial dos “diários do ocupa”, as assembleias são recorrentes, quase diariamente, demonstração da organização coletiva dos/as estudantes, e como mecanismo de manutenção das decisões. No segundo dia de ocupação do IFSul, o

Brasil já contava com 600 escolas ocupadas, o que corrobora com o engajamento em rede do movimento, que crescia a cada dia, conforme outras escolas também eram ocupadas.

Em assembleia começa-se a pensar em atividades para fazer parte do movimento de ocupação. Com esse pensamento em mente, algumas dinâmicas sociais foram feitas com os próprios alunos para que o grupo pudesse se manter cada vez mais unido (Diário da ocupa, terceiro dia da ocupação, 18 de outubro de 2016).

Nas assembleias deliberavam a organização da escola, do espaço e do seu uso, em que foram organizadas comissões que cuidavam de cada setor da ocupação: alimentação, segurança, comunicação, limpeza e organização de atividades culturais e de formação. A assembleia demonstrava aos estudantes não apenas um meio de comunicação entre si, mas, mais que isso, um formato de socialização do debate, e o reconhecimento da possibilidade de outro formato de decidir sobre o espaço que atuavam.

Nesse contexto, a escola tornou-se um espaço de formação com outros sentidos: nada era descartado, os/as estudantes criavam ali espaços do seu interesse e, também, do interesse mais amplo da comunidade, queriam fazer da escola sua, e para isso os espaços de formação ampliados eram garantidos, como elemento central no cotidiano da ocupação.

146

A agenda começou cheia. Após o almoço, os estudantes se dirigiram à concha acústica para o "Bafo Poético" onde lemos e recitamos poesias junto com o Bando de Poetas composto por Flor Ariza, Angélica Freitas, Marília Flor e Pamela. Às 16h ocupamos o auditório do Instituto para compartilhar dos conhecimentos de uma advogada e de um professor de História, na palestra "Análise Jurídica e Social da PEC 241". Durante a palestra, que foi aberta ao público, também recebemos a presença de alguns estudantes do CCHS em apoio à ocupação (Diário da ocupa, sexto dia da ocupação, 21 de outubro de 2016).

Assim, pode-se dizer que os/as estudantes reorganizaram o espaço escolar a partir de suas óticas sobre o papel da escola e da formação. Organizaram diversas atividades como sarau, virada cultural, rodas de conversa e, fizeram da escola palco de denúncia sobre a violência e o assédio que sofrem diariamente, culminando no "Mural dos Oprimidos".

O painel trouxe à tona situações que cotidianamente são silenciadas no interior das instituições. No mural estavam descritos racismo, machismo, homofobia e abusos de poder que os/as estudantes vivenciavam todos os dias, mas que com maior frequência, neste caso, ocorria com as estudantes mulheres, que eram ameaçadas de reprovação se não aceitassem

sair com professores. Além do mural, oficinas de “descreva seu assediador” e um vídeo⁸ em que as estudantes explicam os abusos, foram publicados nas redes sociais, escancarando as relações de poder que a escola reproduz a partir de uma sociedade estruturalmente preconceituosa e violenta.

Após o almoço, ocorreu a oficina interna "Retrato Falado, descreva seu assediador", que propôs uma confecção de cartazes para serem espalhados pela instituição como forma de denúncia ao machismo e assédio físico e moral dentro do espaço acadêmico. Durante a tarde, os estudantes fizeram um mutirão para limpar a fonte do jardim. Neste dia, completamos uma semana de ocupação! (Diário da ocupa, sétimo dia da ocupação, 22 de outubro de 2016).

Os diários da ocupação trazem elementos que nos auxiliam a refletir sobre o cotidiano proposto e construído pelas/os estudantes, com a compreensão de que esta vivência permitiu o conhecimento de possibilidades de uma organização política da escola que anteriormente estava ocultada. A partir deste reconhecimento da construção de um espaço coletivo, transformações que transpassavam tanto sua concepção subjetiva quanto, sua atuação sobre a escola emergiu. Outros espaços e relações são concebidos a partir da atuação política das/os secundaristas, uma vez que a experiência de ocupar a escola não passou despercebida, mas possibilitou reflexões acerca de suas ações no mundo.

147

Ocupação e reivindicação do espaço

Ontem foi um dia difícil. Hoje também será. Tem sido tempos difíceis para o povo brasileiro. Infelizmente, fomos sucumbidos a uma grave crise política e moral, usada pelo atual governo como justificativa para aprovar diversos projetos que afrontam os direitos da população e rasgam a Constituição. (08 de abril de 2016, Carta Aberta do Ocupa IFSul).

A ocupação no IFSul iniciou em um contexto no qual se intensificavam os ataques à educação, que exigiam de resposta dos diferentes setores sociais e, é no sentido de barrar tais medidas que os/as secundaristas ocuparam suas escolas. Conforme entram ali, dão significados mais amplos ao movimento, colocam em debate a construção da escola como instituição de formação social, e aspectos presentes em suas relações cotidianas são expostos e, bem como novos formatos de convivência experimentados durante as ocupações.

⁸ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=7WFYA0j6dvY&t=1s&ab_channel=OcupaFM > Acesso em: 10 de outubro de 2020.

No ato de rompimento com o aceitável e naturalizado insurge a possibilidade de reformulação das relações constituídas, que colocou em pauta aspectos políticos, pedagógicos e sociais da escola, reprodutivos desta como instituição amparadora do poder do capital. Com a firmeza de questionar a desigualdade formadora dos processos escolares e aspectos de invisibilização da voz estudantil, ao discutir o curso da realidade com os demais setores sociais, demonstrou a possibilidade da ação política naquele momento. Para além de algo restrito a determinados sujeitos, as ações decorreram daqueles que vivem na sociedade e justamente neste vivenciar, influem sobre ela e interferem no seu desenvolvimento. Representa desta forma, um rompimento com o cotidiano orquestrado do capital, criador de uma falsa fatalidade social, que impõe as instituições e as relações de dominação como algo findado e imutável. Conforme José de Souza Martins (1998), acerca do rompimento com o cotidiano,

[...] é no fragmento de tempo do processo repetitivo produzido pelo desenvolvimento capitalista, o tempo da rotina, da repetição e do cotidiano, que essas contradições fazem saltar fora o momento da criação e de anúncio da História – o tempo do possível. E que, justamente por se manifestar na própria vida cotidiana, parece impossível. Esse anúncio revela ao homem comum, na vida cotidiana, que é na prática que se instalam as condições de transformação do impossível em possível (MARTINS, 1998, p. 6).

A vivência de luta que remete as ocupações pode ser considerada parte deste fragmento do processo repetitivo, que não significa aqui, apenas o abalo da reprodução do capitalismo, mas com aquilo que diz respeito ao rompimento cotidiano, o conhecimento e a consciência produzida na rotina do capital. Aquilo que Agnes Heller denominou como Consciência do Senso Comum (HELLER, 2014), que forma sujeitos no sentido de consolidação de relações produtivas, em decorrência da fragmentação e individualização da vida, impositora de uma ordem exploratória, que rouba o tempo e a própria concepção de história dos sujeitos.

Neste sentido, para que o curso naturalizado de exploração do capital ocorra em plena “harmonia” e pacificação é preciso que suas bases sejam ocultadas, para que as contradições que fundamentam a sua ordem sejam apresentadas como inquestionáveis. No ato de oscilação desta falsificada harmonia social, que outras possibilidades de construção da vida são apresentadas? O questionar é proporcionado como uma possibilidade e as contradições daquilo tido como natural expostas, neste ato o sujeito se reconhece naquilo que transpassa a

sua individualidade, ao visualizar contradições coletivas desenvolve o seu processo de consciência, o qual não finda na sua individualidade, mas a supera no encontro com o grupo político, e que, como apontam Salvador Sandoval e Alessandro da Silva (2016),

Essa aparente compartimentação do político, do econômico e do social faz com que processos de conscientização no contexto da rotina da vida cotidiana sejam mais focalizados em assuntos individuais e privados do que em interesses cívico-políticos. Entretanto, quando a cotidianidade é tumultuada, essa aparente dissociação entre o político e o econômico se desfaz frente à desestruturação da vida dos indivíduos. O controle social exercido sobre os indivíduos se enfraquece nesses tempos tumultuados, permitindo que os descontentamentos se convertam em temáticas de reivindicação na arena política. (SANDOVAL; SILVA, 2016, p. 38-39).

No ato de interpelar a realidade se torna possível a criação de outros contextos, bem como a construção de uma crença na insurgência para a alteração do curso social. É perante a exposição de tais contradições que os grupos políticos se formam, para além da individualização da vida, mas em um processo de reconhecimento deste como sujeito coletivo, fundamental na sua atuação política posicionada no sentido de questionar a dominação.

Importa lembrar aqui que se, de um lado, o universo cultural e o universo político organizam-se baseados em estruturas previamente estabelecidas, de outro, encontramos sujeitos particulares e coletivos que atuam de forma ativa e que são capazes de elaborar as suas próprias leituras de universo simbólico que povoa a cultura e a política. Eles também são capazes de reescrever os processos ativos que estruturam o mundo da vida, da realidade, partindo de diferentes posições que dependem do contexto sócio-histórico e psicológico de cada um dos atores sociais. Essa capacidade não faz com que os sujeitos estejam sempre comprometidos com a ruptura de bases preestabelecidas que orientam o cotidiano (SANDOVAL; SILVA, 2016, p. 30).

A reconstrução do cotidiano vivenciado durante a ocupação é, portanto, elemento para pensarmos a construção da escola mesmo em um momento posterior à desocupação. No sentido de compreender este rompimento como possibilidade de questionamento daquilo que ocorria no interior da escola, e para além desta na sociedade como um todo, os/as estudantes apresentaram outras possibilidades de cotidianos, a partir da ação política de ocupar suas escolas.

Conflito e participação política

As ações que seguiram no IFSul desde o dia da ocupação foram responsáveis pela articulação da resistência de outras categorias, assim como de outras escolas na cidade e no Estado. O Movimento de Ocupação Secundarista foi um movimento que, em certa medida, teve um papel de vanguarda da ação política, ao despertar a ação de outros setores da sociedade frente aos ataques em curso. Questão que incluía a presença das/os estudantes ocupantes em atos nacionais de resistência diante da intensificação dos ataques que não cessavam, mas caracterizavam a expressão ofensiva do poder político naquele período.

Na mesma medida que o movimento tomava capilaridade em diferentes cidades, a ofensiva se intensificava no intuito de conter sua força. Uma reação do Estado, a partir da repressão através da polícia, dos setores da sociedade mais conservadores que incitavam a desqualificação do movimento, e por parte das diferentes representações de poder que circulavam e tentavam invadir e invalidar aquele espaço.

Diante da ofensiva acentuada, o movimento traçava a sua resistência como meio de garantir a permanência na escola que se estenderia para além da presença no seu interior, mas no sentido de mudança do espaço. Assim, ao longo dos dias, os/as estudantes assumiam que não se tratava somente de uma luta em resposta às medidas neoliberais direcionadas a educação, mas se desdobraria em exigências pela recondução da escola e das relações que permeavam a sua construção, estendidas à sociedade como um todo. Ao trazermos a ocupação como um movimento de (re)construção do cotidiano escolar, de transformação das suas esferas e de questionamentos permanentes que ecoam, avaliamos sua ação como possibilidade de transformação do processo formativo que ocorre na escola.

A ação coletiva coloca as relações vividas num novo patamar. Vislumbra-se a possibilidade de não apenas se revoltar contra as relações predeterminadas, mas de alterá-las. Questiona-se o caráter natural dessas relações e, portanto, de sua inevitabilidade. A ação dirige-se, então, à mobilização dos esforços do grupo no sentido de reivindicação, da exigência para que se mude a manifestação da injustiça (IASI, 2011, p. 29).

A ocupação se apresenta como uma possibilidade de incitação do processo de questionamento da realidade. Os/as estudantes que dela participaram, ou mesmo aqueles/as que não estiveram em sua articulação, mas por ali passaram, ou acompanharam a construção

do movimento a partir dos diferentes espaços de divulgação e comunicação, questionaram relações sociais, com a disposição de fomentar a resistência frente àquilo que lhes apazigua.

Com isto, não pretendemos afirmar que a ação política foi responsável pelo processo de engajamento de todos/as estudantes que a vivenciaram, mas trouxe questionamentos que antes estavam adormecidos, de forma tão profunda, que nem mesmo o seu encerramento seria capaz de abafar o ato de questionar a realidade vivenciada. Os/as estudantes secundaristas colocaram-se em uma ação que era no sentido de disputa social acerca dos significados da palavra ocupação. Ocupar associado pela mídia e pelos agentes do poder, como invasão e depreciação do espaço público, ao mesmo tempo, afirmado pelos/as estudantes como movimento de luta e enfrentamento a depreciação deste, conduzida pelo Estado e pelas políticas neoliberais direcionadas à educação e demais campos sociais. Ocupar, como palavra em disputa é uma das esferas que adentramos ao retomar este movimento, como reflexo do próprio embate político encarado pelos/as secundaristas ao longo dos meses de articulação do movimento.

A tática política de ocupação como reivindicação do espaço é conhecida e incorporada historicamente pelos movimentos sociais, quando assumida pelo movimento estudantil secundarista, causa perturbação nos diferentes meios de comunicação, e o movimento é imediatamente associado como inconstante e sua duração desacreditada. Tal questão é refutada pela potência da ação política, que não apenas tem longa duração, como também apresenta diálogo nacional com outros movimentos e setores sociais. Assim, de desacreditado, este passa a ser temido e a repressão e tentativas de criminalização da ação dos/as secundaristas se acentua, na mesma medida que a resistência é sublinhada a partir da coesão do movimento.

Mas, tais manifestações também trouxeram à cena social, na nossa compreensão, novos personagens sociais: os/as estudantes que ocupam suas escolas, os/as estudantes ocupadores. Trata-se de um acontecimento cultural, político e surpreendente, de grande relevância sociológica. A emergência desses novos personagens aciona questionamentos de múltiplas ordens, especialmente para investigações no campo educacional, em relação aos movimentos sociais contemporâneos (SILVA, 2017, p. 63).

A disputa sobre a ação coletiva dos/as estudantes compreende não só a organização do espaço público, mas também, a formação política do sujeito que protagoniza o movimento. O descontrole político de um sujeito conduzido pelo Estado, família e escola representa um

abalo inadmissível à sociedade. A possibilidade de escutar este sujeito⁹ não é em momento algum acionada pelos agentes do poder, mas a resposta é no sentido de distorcer e abafar sua voz. Uma voz que amedronta o poder social e é disfarçada, tanto quanto for possível, até os/as estudantes demonstrarem que teriam muito a dizer e a reivindicar através da sua ação política.

O contraponto da naturalização dessas atitudes acomodadas, é o jovem que participa de forma ativa dentro da escola, porém atuando de maneira outra que não aquela que lhe é atribuída habitualmente. Esses jovens, envolvidos nas ocupações, através da perspectiva de muitos professores, formadores de opinião, mídia, só estariam simulando algo que só pode ser vivenciado na vida “adulta”, de forma organizada e sem baderna. As ocupações mimetizariam, e só mimetizariam, uma situação de reivindicação real e disputa por novos espaços. Trata-se de uma perspectiva que desqualifica estudantes ocupadores (SILVA, 2017, p. 72-73).

Desta forma, é no ensaio deste outro cotidiano presente nas ocupações, que os/as secundaristas fundamentam uma possibilidade de mudança da escola. Apresentam a sua participação como central na construção do espaço, e constituem, mediante a organização política ali vivenciada, um conjunto de ações coletivas que indicam o engajamento daqueles/as sujeitos na crença de outras relações.

A entrada na escola é marcada pela reivindicação do espaço como seu, aos poucos as/os estudantes iam se espalhando pela instituição, ocupando e entrando em salas que antes estavam trancadas para eles/as. A escola era sua, essa era a afirmação do movimento, a escola das/os estudantes e para as/os estudantes, mas não apenas para eles, para toda comunidade.

Afinal, o reconhecimento daquele espaço era pela sua função política mais crucial, a garantia do ensino, compreendido pelo movimento como um ensino gratuito, popular e político, não restrito somente a alguns, mas a todos/as aqueles/as que por ali passavam. Assim, abriram as portas do IFSul para a comunidade. Ocupar, resistir e ensinar, era o que ocorria ali. Ensinamentos dos mais diversos e que transcorriam os mais impossibilitados encontros, desde o artista, até a professora universitária, o dançarino, o economista e a advogada, todo conhecimento era bem-vindo no espaço e os mais diversos processos de aprendizagem nasciam dali. Conforme se estabeleciam no espaço regras de convivência eram construídas, não no sentido de burocratizar o movimento, mas pela concepção da responsabilidade que assumiam com aquele espaço e com aqueles o compartilhavam. Afinal,

⁹ Sobre a questão das Representações Sociais do sujeito jovem, ver: ACCORSSI, Aline; NETTO, Livan.; CLASEN, Julia. Discurso de ódio acerca do jovem: “chama a BM e desce o sarrafo nesse bando de playboy desocupado”. Tematicas, Campinas, SP, v. 27, n. 54, p. 73–94, 2019.

não pretendiam apenas estar ali, mas sim, fazer dali a mudança que era proposta pelas linhas políticas do movimento.

Considerações Finais

Esta reflexão emerge de uma consideração do cotidiano escolar a partir da sua ação conflitiva, do rompimento instaurado, que abre caminho para reformulação do espaço. Uma tensão exposta pelo sujeito jovem, estudante secundarista, e com relevante protagonismo das estudantes mulheres.

Durante a ocupação foi questionado o curso das políticas públicas impostas à educação e aos diferentes setores sociais, frente a um conjunto de ameaças que se intensificaram. O movimento caracterizou um marcante repertório de respostas ao novo ciclo do poder do capital. Foram expostos questionamentos políticos, pedagógicos e sociais das ofensivas em curso e seus significados à escola, como meio de evidenciar a sociedade os direcionamentos impostos à sua formação escolar naquele momento, e, também, sobre a formação que seria destinada às gerações futuras.

A ocupação representa uma tática de ação que emerge do conflito político. Os/as estudantes estavam ali para exigir algo, e conforme os dias passavam as exigências também se transformavam não pela pauta inicial estar superada, mas pela compreensão da possibilidade de resistência e luta pelo espaço público. Mesmo ao desocuparem as/os secundaristas seguem com postagens e divulgações do movimento em suas redes, engajados/as nas ações de luta que ocorriam na cidade e no estado. O movimento não se encerrou, mas trouxe mudanças e permanências em sua consciência e atuação sobre o espaço social que se encontravam. A ocupação foi assim, ensaio daquilo que queriam para si e para aqueles que viam uma possibilidade da escola que pretendiam construir.

Desta forma, percorremos estes tensionamentos como meio de explorar os percursos que derivam da ação coletiva travada pelas/os secundaristas. Indicativos de uma reivindicação da escola como campo de participação e da escola como espaço de pertencimento. Após as ocupações nada mais estaria igual, os dias ali pareciam diferentes, pois cada canto da escola estava impregnado pela luta secundarista. As paredes pintadas, *pixos* ou cartazes ainda emolduram a escola, a disposição do espaço foi reorganizada pelas ocupações.

Mais do que as mudanças do espaço físico, que em algum tempo poderiam ser desfeitas, havia uma mudança ali que nenhuma ofensiva, por mais truculenta que soasse,

poderia apagar. Era a presença do movimento nos/nas estudantes que dele participaram, ter vivenciado aqueles dias e experienciado uma outra possibilidade naquele espaço, tornava possível aquilo que antes não era sequer tangível.

A ocupação apresentava aos estudantes uma outra escola, construída por eles/as. Mesmo com a desocupação, a possibilidade não seria facilmente apagada. As permanências do movimento poderiam sofrer disfarces, mas não eram capturadas, e sim reformuladas conforme a inserção das/os estudantes se desdobrava em outros espaços, na construção de questionamentos não mais silenciados.

A ocupação no IFSul não é considerada aqui de forma isolada, mas como parte de um movimento que eclode nacionalmente, e que deixa indícios para pensarmos a escola e a participação política do sujeito jovem. Ao ocuparem suas escolas, os/as estudantes secundaristas ousaram levantar para a sociedade debates ocultados, e, assumiram a responsabilidade de enfrentamento aos ataques que se intensificaram naquele período, desafios novamente apresentados no contexto de hoje. Desta forma, também buscamos, ao lembrar a atuação desse movimento, refletir nossas atuais possibilidades de uma intervenção direcionada para a mudança do presente percurso social, bem como aprender com a atuação política do movimento de juventude acerca das nossas possibilidades de resistência e avanço atualmente.

Referências

ACCORSSI, Aline; NETTO, Livian Lino; CLASE, Julia Rocha. Discurso de ódio acerca do jovem: “chama a BM e desce o sarrafo nesse bando de playboy desocupado”. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 27, n. 54, p. 73–94, 2019. DOI: 10.20396/Tematicas.v27i54.12339. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/12339>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

SILVA, Rosimeri Aquino da. Estudantes Ocupadores: representações ou contra representações de um novo personagem social. In: CATTANI, Antonio David (Org.). **Escolas Ocupadas**. Cirkula, Porto Alegre, 2017.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.), DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad.: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

IASI, Mauro Luis. **Ensaio sobre a Consciência e a Emancipação**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARTINS, José de Souza. **O senso comum e a vida cotidiana**. Tempo Social, 10(1), 1-8, 1988. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ts.v10i1.86696>> Acesso em: 17 de novembro de 2020.

OCUPA IFSUL. Carta Aberta do Movimento Ocupa IFSul à comunidade acadêmica e à sociedade em geral. Pelotas, outubro, 2016. FACEBOOK: **ocupaifpel**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupaifpel/photos/a.1125945747491065/1181195878632718/>> Acesso em: 10 de outubro de 2020.

OCUPA IFSUL. Diário da Ocupação. Pelotas, outubro, 2016. FACEBOOK: **ocupaifpel**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupaifpel/posts/1128285470590426>> Acesso em: 10 de outubro de 2020.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Aprendendo a ser jovem: a escola como espaço de sociabilidade juvenil. In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007. Recife, **Anais [...]**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007.

SANDOVAL, Salvador; SILVA, Alessandro Soares da. O Modelo de Análise da Consciência Política como Contribuição para a Psicologia Política dos Movimentos Sociais. In: HUR, Domenico Uhng; JÚNIOR, Fernando Lacerda (Orgs.). **Psicologia, Políticas e Movimentos Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SOUZA, H. J. **Como se faz análise de conjuntura**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 54p.

Recebido em: 03 de fevereiro de 2021.

Aprovado em: 21 de março de 2021.